

O corpo sabe...¹

Jaime Milheiro*

Resumo

No prosseguimento dos seus conceitos sobre "Facto Psicossomático" e "Psicossomática Estrutural", o autor supõe a existência dum "Saber do Corpo", inscrito filogeneticamente, ontogeneticamente e individualmente. Saber mal conhecido por agora, apenas vislumbrado e não estudado ainda, que funcionará, sobretudo, regulado e regulador do binómio prazer/sofrimento. Existirá em todos os seres vivos, de qualquer dimensão. Ter-se-á progressivamente desenvolvido na evolução das espécies e particularmente dimensionado no ser humano. Não se tratará dum saber mental nem racionalizável. Será um saber intrínseco, estruturante da identidade, sexualizado vitalmente, fundamental na Saúde e na Doença, determinante do conceito: "...A identidade é uma identidade corporal..."

Palavras-chave: *Facto psicossomático; Psicossomática estrutural; Saber do corpo; Identidade corporal.*

REFLEXÕES... TENTATIVAS

Em artigos anteriores, na tentativa crítica de conhecer as preocupações conceptuais e as práticas duma Psicossomática com sentido de futuro, desenvolvemos alguns temas e conjecturas. Resumindo, pareceu-nos poder afirmar que:

- A dor física e a dor moral (dor mental) são transmutáveis entre si, sobretudo na criança, facto tanto mais visível quanto menos tempo de vida tiver o bebé. Continuam a sê-lo parcialmente no adulto, o que nos pode encaminhar na aliciante busca duma teoria unitária da dor. Tal verificação aproxima-nos, inevitavelmente, duma gaveta indiferenciada inicial quanto ao "sofrimento" e quanto à dor. E sugere-nos consequências práticas e teóricas sobre o conceito de Psicossomática Estrutural que temos vindo a propor.
- Os vários contributos das ciências Biológicas e da Psicanálise sobre o conhecimento em Psicossomática vêm de longe e continuam, mas parecem-nos esgotados na sua fórmula actual. Isso acontecerá porque os caminhos de cada uma dessas vertentes são sempre paralelos, entre si, jamais passarão disso. Esses caminhos contactam-se entre si,

* Psiquiatra e Psicanalista, Director do Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental do C.H.V.N. Gaia. Presidente do Conselho Nacional de Saúde Mental.

¹ Conferência no Porto, Colóquio sobre Psicossomática, 23 e 24 de Março de 2001.

cumprimentam-se, trocam até respeitadas palavras semelhantes, mas nunca se poderão fundir num só, enquanto prosseguirem na especificidade das suas respectivas ciências. Não nos parece haver ponto de encontro possível, a manter-se essa condição e essa metodologia.

- As concepções sobre a Psicossomática decorrentes da Psicanálise e das ciências afins, acentuam sobretudo as "carências de mentalização" ou as "lacunas de mentalização" (pensamento operatório, teoria do impasse, alexitimias, etc.). Acentuam a sua repercussão sobre o corpo "adoecente". Trata-se de leituras parcelares, em nossa opinião, porque nunca consideram verdadeiramente o corpo biológico que tudo sustenta, nem a sua receptividade específica, quer na Saúde quer na Doença. Não consideram a "presença" real do corpo nem as suas eventuais características pessoais, presentes e participantes na doença. Características que estarão determinadas filogeneticamente, ontogeneticamente, individualmente. Que estarão marcadas, inscritas, no que costumamos designar por "lacunas somáticas", mal conhecidas por agora.
- De modo mais insuficiente ainda, todas as concepções Biológicas introduzidas na Psicossomática são flagrantemente parcelares, porque não consideram sequer a identidade pessoal do in-

divíduo em questão, menos ainda a sua identidade corporal. Nem dispõem de consistência teórica para o fazer. Mesmo a explicação que fornecem, sobre o inegável efeito terapêutico dos neurolépticos e antidepressivos, é demasiado pobre: limitam-se a uma visão química e fisiológica, verdadeira no laboratório certamente, mas que adelgaça ainda mais o horizonte da pessoa. Quando se debruçam sobre a Psicossomática apenas falam da dualidade corpo/espírito e da influência eventual duma parte na outra, cruzando-as, questionando-as, sem as unir: sem integrar a outra parte, excluindo em absoluto a hipotética zona comum.

- O "Facto Psicossomático" e a conseqüente "Psicossomática Estrutural" que procuramos conceptualizar e desenvolver, contrariam e dispensam essa dualidade tradicional. Procuram reconhecer as vertentes parcelares numa unicidade essencial estabelecida. Não contestamos as "lacunas de mentalização": contestamos que na doença, naquela pessoa, naquele local somático, naquele simultâneo repercutido, não haja, previamente focalizado, algo ainda desconhecido que corresponderá às tais "lacunas somáticas", por nós assim designadas.
- Para estudar, investigar e conhecer estes conceitos, na prática, teremos de nos aventurar em

novas e diferentes metodologias: novas pesquisas, novos alcances, novos objectivos. Será esse o futuro mais provável. Não se trata de juntar a Neurofisiologia à Psicanálise: trata-se de descortinar outros caminhos, outros "planetas", adivinhados mas ainda não observados.

A descoberta daquilo a que chamamos "marcadores psicossomáticos" será, para o efeito, uma hipótese muito de considerar.

*

Deste conjunto de afirmações ressaltam ainda alguns postulados, que poderemos resumir desta forma:

- O corpo participa activamente nestas questões da Psicossomática. Participa muito mais do que até agora foi pensado ou conhecido. Participará de forma muito diferente da passividade que lhe costumamos atribuir. E fá-lo-á naturalmente, em todos as situações: quer no equilíbrio da Saúde, quer no desequilíbrio da Doença, quer no equilíbrio geral Psicossomático. Sempre numa dinâmica conjuntural activa.

Fá-lo-á não só através da sua Bioquímica, muitíssimo estudada e conhecida, mas também através dum "saber" especial, intrínseco, inserido no motor do seu próprio funcionamento. Saber que não será um "saber" mental. Que não poderá ser confundido, em nossa opinião: nem com as determinações genéticas, nem com os mecanismos sisté-

micos de regulação automática (fisiológicos, endócrinos, imunológicos, etc.), que também permanecerão, obviamente, sempre presentes.

- "O corpo sabe"... atrevemo-nos a dizer.

O corpo saberá porque condensa em si mesmo uma biografia somada: uma biografia específica de si, uma biografia característica da espécie, uma biografia das espécies em geral. Porque contém uma antiquíssima história de vida: filogenética, ontogenética e individual. O corpo humano disporá duma sabedoria, tal como os corpos de todos os outros seres vivos disporão, aprendida, desenvolvida, progressivamente especificada durante a evolução, particularizada na sua espécie, superiormente definida em si. Sabedoria que, na nossa espécie, no manuseamento do seu tempo infantil, se desenvolve mais personalizada do que nas outras: cada elemento humano constrói um aparelho mental e emocional, organizado por si, conforme ao crescimento particular que teve, na relação com os pais, na relação com os outros.

- Desse saber, dos seus vários patamares interligados e interdependentes, resultará em permanência uma marca inscrita, um saber inscrito, vivido, organizado. Saber formatado na infância, sobretudo no trajecto relacional do binómio prazer/sofrimento.

Saber e marca que constituirão um ancoradouro, um porto de recolha e segurança, sempre activamente presente, indispensável ao funcionamento vital e à identidade do indivíduo. Essa sabedoria alicerçará um fundo basilar pessoal, onde num regresso potencial se perfumam todas as outras questões, nomeadamente as da sua utilização na Saúde/Doença.

- "O corpo sabe"...
... se não soubesse não reagia sabiamente às agressões vindas de fora, nem se auto-avisava quando isso acontecesse. Nem nada diria ao portador quando estivesse a ser "agredido" por dentro. Sem esse saber não faria sintomas, não se queixava, não se organizava em doenças para tentar neutralizar o mal estar que ao "falar" anuncia. Não utilizava as mensagens que o aviso prévio da doença transporta, na sua linguagem característica. Nunca se pronunciaria.
- Um dos elementos essenciais onde assenta esse "saber", no plano humano e pessoal, será um "sofrimento básico", característico da espécie.
Será, em grande parte, a forma como cada um nele se estruturou que lhe determinará o conteúdo e o funcionamento. Sofrimento esse que, tanto quanto poderemos observar, estará muito mais presente e operativo na espécie humana do que noutra qualquer. E que nada terá

a ver com o sofrimento "secundário", o banal sofrimento comum que os médicos estão habituados a tratar. As vicissitudes desse sofrimento básico, impregnadas e entrelaçadas na biologia corporal, visualizáveis no futuro científico segundo cremos através da descoberta do que costumamos apelidar de "marcadores psicossomáticos", arquitectarão grande parte da sensibilidade e da reactividade pessoais.

- O próprio, o *Self*, o indivíduo, sem dar por isso, vive auto-regulando esse sofrimento. Essa regulação não pode ser determinada geneticamente, porque o desenho psicossomático que o sofrimento assume será em absoluto pessoal e em grande parte adquirido: será a sua identidade, no trajecto formatada. O corpo "sabe" regular e utiliza para isso os seus reguladores genéticos, mas utiliza-os na sua versão pessoal, modificada pela relação infantil. Fáz-lo psicossomaticamente, estruturalmente, inconscientemente.

A expressão "inconsciente corporal", que alguns metaforicamente já começam a utilizar, ajuda-nos dalguma forma a compreender este conceito, embora não lhe possa corresponder exactamente e constitua uma insustentável extrapolação.

- O exemplo de mais fácil observação em tudo isso será o da sexualidade, com todo o seu tra-

jecto: desde a psicosexualidade inicial que começa no corpo, como em artigos anteriores firmamos, passando pela sua organização mental subsequente, até novamente chegarmos à sua concretização corporal. A seu exemplo, a identidade será em tudo uma identidade corporal, "sabida" no corpo ... em todos os seres vivos dotados de corpo ... tanto na planta trepadeira como no ser humano ... com graus de "saber" evolutivamente diferentes.

As forças instintivas da sexualidade e da agressividade inscreverão na identidade corporal muito de si ... segundo o que pensamos e tentamos desenvolver ... e todo o corpo vivo será um corpo sexuado, agressor e reprodutor.

- Tudo isto são hipóteses, muito atractivas em nossa opinião, que ensaiam uma teoria de coesão unitária para a Psicossomática que nos preocupa ... quer na Saúde quer na Doença. São hipóteses naturais, companheiras de estrada da teoria unitária da dor que acima alimentamos. Mas são ideias, são procura de ideias, não são mais do que isso.

É sobre este "saber" do corpo que nos ocuparemos. Tecendo considerações, avançando algumas fantasias. Procurando alguma lucidez sobre um pressentido desconhecido, na consciência certa de não lhe podermos ultrapassar o limiar.

Não fazendo mais do que um

anúncio, percutindo somente na sua porta de entrada.

FUNCIONAMENTO GLOBAL

Como evidenciamos nos textos anteriores, o estado mental e o estado físico de qualquer pessoa, em qualquer circunstância, em qualquer momento, serão sempre, desde o início, um funcionamento simultâneo instituído. Serão um funcionamento instituído e harmónico, que se pode desarmonizar, ou assumir uma harmonia diferente na doença. Embora, obviamente, mesmo aí, essa simultaneidade não deixe de existir. Nessa circunstância acontecerá alguma disfuncionalidade: mais no sentido físico, mais no sentido mental, conforme o caso.

Essas "duas vertentes", que constituem um bloco absolutamente indissociável, nunca se posicionarão em eventuais determinações duma sobre a outra, como tem sido habitual considerar na leitura comum. Serão tão inseparáveis como as faces duma moeda ou as páginas duma folha, seja nos caminhos da Saúde, seja nos caminhos da Doença, ou seja ainda, em toda a Psicossomática Estrutural. Em última análise não serão duas vertentes ... são uma única, olhada dum ou doutro lado.

Como temos insistido também, será um absurdo separá-las, mas na verdade, até aqui, têm-se estudado sempre dessa forma: fala-se da repercussão do mental sobre o físico, fala-se da repercussão do físico sobre o mental. Utilizam-se nessas leituras

várias fórmulas, vários conceitos, várias expressões, várias maneiras de creditar essa influência, mas sempre sem fugir à dicotomia. Trabalha-se segundo uma dualidade fixada, como se dum preconceito se tratasse. Como se ela estivesse definitivamente estabelecida na ciência e na cultura, como se não pudesse ser doutra forma. E quando um observador tenta esquecer ou ultrapassar essa condição, não dispõe de instrumentos suficientes para o afirmar: nem para o conceptualizar, nem para o dizer. No entanto, curiosamente, o mesmo observador, se se dispuser a estudar animais ou plantas, já assim não fará. A situação faz-nos lembrar um tão inexorável destino religioso que, decididamente, dá vontade de descer ao humano e tudo paganizar.

Nesse tipo de observação que a história das mentalidades cristalizou, reside o essencial do nosso conhecimento e do nosso pensamento nesta área. Nele reside também o essencial do nosso erro, em nossa opinião. Erro que actualmente se continua, na mesma tradição apenas um tanto disfarçada, na propagandeada exploração do cérebro como entidade onde se buscam orgânicos fios condutores dos trajectos ideativos, dos pensamentos, das emoções. Onde se buscam localizações dos processos psicológicos, como se isso fosse atribuível a um determinado ponto, a um determinado circuito do cérebro, como se pudesse ser exclusivo de lá. Mesmo sabendo que a integridade cerebral representará uma condição *sinequanon* para que toda essa actividade aconteça, e que toda a sua

neuroquímica em zonas electivas nisto participará, será óbvio para nós, que duma condição não resultará a outra, como apressadamente alguns querem divulgar. Não haverá nunca uma conexão de causa e efeito. Haverá, pelo contrário, um unívoco com passagem naquela zona, um simultâneo funcional, uma conjuntura, um facto psicossomático, no sentido que damos à expressão.

E será assim porque haverá à partida, em nossa opinião, em todo o nosso funcionamento, esse saber vital que por agora nem sequer mencionamos e muito menos estudamos: o saber do corpo. Que estará sempre presente e participa em todas essas operações. Que será indispensável na funcionalidade. Que será algo muito diferente do que a Bioquímica cerebral por um lado e a Psicanálise por outro, têm até hoje aprofundado.

Muito trabalho falta ainda para fazer circular, em bases sustentadas, esta concepção.

COMO ASSIM?

A maior dificuldade desta concepção reside numa questão de princípio: no estado actual dos nossos postulados científicos, para o observador comum, cientista ou não, o "saber" substantivo será sempre coisa mental, apenas mental. Será coisa mental e ponto final parágrafo: sem haver possibilidade de "saber" doutro cariz. Historicamente nos dispusemos nesse registo, avaliando academicamente o saber, definindo-o desse modo,

objectivando-o na diferença entre o bairro negro e o bairro latino.

Será difícil abstrair dessa imposição e dessa qualidade mensurável, racional. Mas, se pensarmos um pouco, veremos que o corpo só poderá participar no seu funcionamento global se tiver um "saber" suposto dentro de si: um saber não susceptível de medida, jamais apresentável na academia sueca. E que, se quisermos distribuir esse corpo em fatias, como na Medicina se faz, seremos também obrigados a pensar que o cérebro só entrará nos circuitos ideativos que referimos se tiver esse mesmo saber implícito: doutra forma seria um mero produtor de pensamentos, à maneira da suprarrenal que produz adrenalina ou do estômago que produz ácido clorídrico, segundo a nossa fisiologia tradicional.

O corpo terá um saber montado, vital, organizado. Será lógico fantasiar nessa direcção porque ele, com todas as suas fatias, participa em tudo, sem reservas, sem esforço. Participa automaticamente, sem levantar questões. Apercebemo-nos todos dessa faculdade, mas na nossa actual ignorância atribuímo-la a galáxias mais ou menos filosóficas. Tendencialmente designamos esse saber por "vida", "alma", "instinto", "existência", ou espiritualidades semelhantes, sobremaneira prosseguidas, conjugadas em divagações culturais ou em displicentes expressionismos abstractos.

Diríamos: o corpo impregnou-se dum saber ao longo do seu trajecto. Terá de ter sido assim. Foi-se acrescentando desse "saber" durante a evolução das espécies, desde o monocelu-

lar até ao "Sapiens" propriamente dito. "Vestiu-se" paulatinamente até chegar à espécie que somos. Entre nós "revestiu-se" ainda numa camada brilhante, na roupa individual que cada um de nós lhe conferiu. O corpo cresceu, desenvolveu-se, formou-se, arranjou-se, sabendo o que foi possível saber, adquirindo experiência utilizável (inteligência do corpo?). Adaptou-se, ligou-se, aprendeu-se, somou-se em vários ângulos de observação: em construção, biologia, comportamento, cultura, linguagem, pensamento, relação afectiva, agregação, sentido de si ... Sobretudo, nesse trajecto, continuou-se sabiamente em si ... até verdadeiramente chegar a si: dado que esse ideal foi e será sempre, intrinsecamente, a finalidade única da evolução. Sem esse virtuoso desiderato a evolução nem faria sentido, o que nos levaria a ter de concordar, ou de plenamente aceitar, que a fatalidade paradisiaca estagnada continuava totalitária no Universo, o que não é nada verdade.

Será lógico atribuir uma composição corporal progressiva a todo um saber dispensado de mente. O corpo saberá, como hipótese, em sentido geral e em sentido pessoal, mas:

Como se terá articulado esse saber dentro do corpo: dentro de si e para dentro de si?

Como se foi construindo?

Como se terá organizado em cada indivíduo, sabendo-se que na formatação de cada um, na sua reactividade, na sua identidade, entram as características da espécie humana, mas entram também, inquestionavelmente, as características adquiridas da pessoa?

Como poderemos reconhecer e captar as eventuais luminosidades do seu processo?

*

Não sabemos responder. Para já. E seria talvez conveniente ficar por aqui e terminar o artigo. Mas, pensando melhor, já sabemos, por exemplo, que o corpo tem o saber de nos avisar quando algo vai mal, tem a faculdade de nos dispensar os seus sábios sinais, os seus alertas, os seus sintomas. E que o faz como qualquer outro elemento da espécie o faria, mas fá-lo também personalizadamente. E que nas outras espécies isso também terá obrigatoriamente de acontecer: senão não viviam, morriam ao nascer.

O corpo humano avisa-nos, lança-nos linguagens mais ou menos perceptíveis, alerta-nos por exemplo de que estamos a ficar doentes. Emite anúncios, ilumina horizontes, usa telegrafias. Diz-nos abnegadamente que será preciso mudar, que será importante voltarmos ao silêncio da saúde básica anterior. Que devemos voltar à condição ancestral que ele certamente rememora, fazendo-o de forma empenhada. Devemos agradecer-lhe portanto. Mas devemos também reconhecer-lhe a certa oportunidade, que só alguém muito sábio poderia disponibilizar. Ele usufrui disso. Ter azia, por exemplo, será um aviso de sentido alimentar ou outro, na evidência de que o próprio corpo saberá ao que se refere: senão não "falava" dessa maneira, nem nos concedia o prestimoso favor de reclamar. Ele dispõe do "saber" de o fazer, facto

que não terá nada de mental nem de genético.

Quando invocamos os instintos para explicar esta circunstância, atribuindo-lhe méritos absolutos nesta operação, estaremos apenas a confabular envergonhados. Quando recorreremos e tentamos generalizar por essa via, será forçoso lembrar que os instintos são muito diferentes de espécie para espécie. E que na série vegetal, onde esse "saber" terá de acontecer também, necessariamente, em partitura idêntica à do ser humano, o conceito de instinto não tem qualquer cabimento. Não será aplicável de todo.

Em nosso entender, a própria criação do sentimento de identidade, tão decisivo e tão banal ao mesmo tempo que até dele facilmente nos esquecemos, esse mesmo sentimento que nos proporciona a unidade e individualidade indispensáveis à função de existir e de viver, à função de estar aqui, só será possível através desse saber do corpo e do sentimento de coesão que dele decorrer. Ou seja, a identidade só será possível, só se avalizará, através da participação essencial daquele corpo no seu processamento, o que nos dirá da importância da sua presença e do seu saber. A coesão do corpo, em princípio, imprime identidade, dita a sua imagem e semelhança: não haverá nunca identidade sem corpo, nem corpo sem identidade, muito menos ainda sem corpo identificado no saber participativo de tudo isso.

Neste universo bem caracterizado e definido das espécies, em corte transversal, cada uma delas "sabe" exactamente o lugar onde está, o que

lhe compete corporalmente fazer, sabe a sua escala relativa. No seu crescimento, nas condições que terá de trabalhar pela sobrevivência, é o corpo que executa (mesmo que seja apenas um caule ou uma vorticela). Em todos os momentos e movimentos, ele não poderá deixar de sabiamente desempenhar, para animais ou vegetais, esse papel preponderante no seu destino. O que acontecerá da mesma forma em nós, com diferenças de altitude. Uma consciência do corpo "pessoalizado" e coeso terá de estar presente "lutando" pela sua saúde e pela sua longevidade, embora só no humano isso por norma seja considerado. Mas nenhum corpo poderá abstrair-se da sua biografia.

Isto é de tal importância que, lembremos, na espécie humana as maiores angústias conhecidas são precisamente as da perda desse saber: serão a dissolução da identidade corporal que lhe confina o sentimento de coesão. Essa dissolução, que corresponderá ao sentimento de desintegração corporal, será exemplarmente o que o esquizofrênico inicial teme e num absoluto pânico nos mostra. São angústias e pânicos duma brutalidade assustadora, que não deixam nunca de ressoar identificatoriamente no alarme estridente de qualquer observador. Como já todos tivemos certamente ocasião de observar e "viver", em várias circunstâncias. Será a perda do saber do corpo.

Essa desintegração mental do corpo será o pior que nos pode acontecer. Seja no rasgão real ou na fantasia psicótica. O mais grave para o ser hu-

mano não será a morte ou a ideia da morte. Será o assombro deste medo, o terror de se desintegrar: ou seja, será o medo de perder o saber do corpo, o terror de lhe ver retirado o saber que lhe dá coesão.

Será isso também que, no interior de cada um de nós, absolutamente sinaliza a sua importância.

*

Quando estudamos o corpo aprofundamos até ao limite a sua fisiologia quantitativa, os seus dados laboratoriais: analíticos, endócrinos, celulares, microcelulares, genéticos, quânticos, tudo quanto quimicamente necessário for. Incluímos nesse estudo o posicionamento relativo ou o jogo completo entre as várias parcelas químicas isoladas. Procuramos somar as partes, dar-lhe conjunto, conceber as respectivas inter-influências, as eventuais perturbações. Ficamos elucidadíssimos a esse respeito, mas não cuidamos de interrogar o que verdadeiramente moverá a coesão interna desse corpo, onde tudo se passa. Que não pode ser apenas coisa mental. Que não pode ser apenas coisa genética.

Não cuidamos de saber o que verdadeiramente unirá as suas partes, avindas ou eventualmente desavindas (na doença), num funcionamento primordial ajustado. Admitimos tacitamente que será movido por si próprio ... mas, como desempenhará essa função, com que conhecimento? A ciência, até agora, teve sempre coisas mais importantes para investigar, esqueceu-se disso, nunca para tal se programou.

Esse corpo, em circunstâncias normais, funciona activamente e desembrulha-se inteligentemente, dado que o faz sem qualquer interrupção, sem qualquer atropelo, sem qualquer disfunção. Funciona sabendo o que faz, o que deverá fazer: sabe sempre comportar-se, em todos os momentos, em todas as condições. Cumpre airoso e sem esforço, com permanente disponibilidade, em todas as agressões, em todas as alegrias, em todas as condições, boas ou más. Fã-lo em silêncio, soltando rugidos apenas quando se enerva e nos quer avisar, ou seja, quando é necessário levantá-los (levantar-se!) contra algum ataque que provoque dor ou inadaptação. Chamando nós depois "doença" a esse levantamento, ao apelo que dele emerge. E fã-lo sem que ninguém lho diga, sem que ninguém lho peça, sem livro de instruções.

Fará assim, certamente, porque o sabe fazer: como saberão fazer todos os animais e plantas. Porque terá antecipadamente esse magnífico saber, por completo independente do estado mental (o corpo do indivíduo, mesmo em estado de coma, mesmo com a capacidade psicológica absolutamente ausente, continua do mesmo modo portador deste saber e a funcionar no seu mesmo registo), ou outra condição diferenciada qualquer.

Quando uma planta rastejando cresce em direcção à água que a sobrevive, não se alinha em direcção ao deserto onde morre. Escolhe, sabe. E não o fará apenas geneticamente: fã-lo também porque terá um saber no seu corpo, aprendido na experiência de vida

que a orienta. No exemplo humano mais banal, o corpo segrega mais ou menos adrenalina ou outro mediador qualquer, em certas situações ansiosas, sem que o próprio tenha necessidade de sobre isso se cuidar. Sem que ninguém lho comande. Não são os neurotransmissores, nem os sistemas neurovegetativos, nem os sistemas endócrinos, nem outras biologies, que terão competências para isso: esses apenas respondem. As partículas biológicas elementares apenas reagem, dentro da sua obrigação: cumprem a sua parte daquilo a que um saber mais geral as obriga. Fazem-no bem feito, mas respondem às cegas, desconhecendo em absoluto a especificidade da situação. Em si mesmas, não têm saber nenhum. Só o corpo globalmente o terá e as fará funcionar.

Mas não é isso que continuamos a ouvir dizer e que, insensivelmente, costumamos propagar.

*

O chamado "relógio interno", a reconhecida verificação dum ritmo biológico automático, serão disso bons exemplos. A evolução harmónica da disposição sexual e da agressividade, durante o percurso de vida, sê-lo-ão do mesmo modo.

"O fígado pensa ..." dizia há anos um autor, de forma por muitos considerada provocatória. Não nos parece que se possa dizer de facto dessa maneira. Nesta nossa concepção, em vez de "o fígado pensa" ... diríamos "o fígado sabe ..." e na globalidade daquele corpo participa no seu saber"... Sabe e procede em conformidade, de fonte

segura, em todas as situações, mesmo quando se estraga por durante tempo excessivo ter procurado manter a inteligência no portador, defendendo-o sem o conseguir, tentando integrar a sua parcela de saber no saber global.

O actual conhecimento do "genoma" em pouco alterará esta questão: o seu "saber filogenético" existirá no corpo certamente, sinalizando a sua evolução e a sua arqueobiologia transmitidas geneticamente. Mas outro "saber" existirá como superestrutura, igualmente inscrito no indivíduo. E haverá o conjunto funcionante dos saberes. Os genes sabem e determinam, mas não podem saber tudo o que aquele indivíduo sabe, nem tudo o que o corpo daquele indivíduo aprendeu e realizou.

O corpo terá o seu saber para além dos genes, em nossa opinião: em primeiro lugar porque o exerce, em segundo lugar porque o exerce acertadamente, em terceiro lugar porque continuará a fazê-lo, sem que aparentemente alguém o possa desviar ou lho ensine, como se ensinasse a fazer contas de somar. Não será um saber escolarizável, escolarizado, escolar: será um mais intrínseco e verdadeiro saber.

O CORPO SABE

Conhecemos um doente que deliberadamente não cumpria as instruções alimentares que a arte médica com grande justificação lhe impunha. Dizia: "o meu corpo é que sabe o que lhe faz bem ou mal". Não era o pró-

prio, era o apenas o seu corpo que saberia o que lhe faria bem ou mal. Para isso, antes de comer, fazia uma "prova de boca". Mentalmente saboreava o produto: se lhe soubesse bem comia, doutra forma rejeitava. Era uma pessoa licealmente instruída, que tinha vivido trinta anos em Timor, onde se despiu de parte do seu registo cultural e gostosamente "regressou" a um conhecimento mais puro, menos contaminado. Pelo menos foi essa a leitura que para nós próprios fizemos. Os médicos desesperavam-se, mas a convicção dele era total e o sucesso também, parecendo o facto situar-se, na verdade, muito para além do aspecto meramente anedótico.

O doente no fundo fazia o que nós todos fazemos, com menor quantitativo de expressão: havia algo no seu corpo que o orientava, algo que não podia ser a chamada memória de sentido comum. Algo que também não era um produto cultural, nem uma atitude psicopatológica de suspeitar. Que existia antes disso: um saber notoriamente mais interior, um saber do corpo, talvez pouco consciente, muitíssimo intuído naquela pessoa. Tratava-se de alguém que "desaprendeu" a cultura médica ocidental, que no contacto primitivo foi obrigado a reparar melhor no seu corpo, a recuperar a sinalética mais pura do seu saber. A medicina dos povos primitivos terá certamente boas lições a nos prestar, a este respeito.

Os herbívoros na savana não comem as plantas venenosas, certamente também por isso. Há neles esse saber selectivo, o saber do corpo insti-

tuído, que se tem vindo a perder na civilização da espécie humana e que a ciência médica, na sua canseira, liqüidou de vez. O corpo pedirá determinada comida e rejeita outra, conforme a sua sabedoria interna lho indica, contrariando a imensa biblioteca que todos transportamos no pensamento. Deixando-nos desconcertados e infelizes.

Os reconhecidos benefícios da "crença" do doente no acto terapêutico, o efeito placebo, a acupunctura, o controlo do corpo nas técnicas orientais, muitas práticas "paralelas" e outras, em vez da nebulosa explicação sugestiva que altivamente lhe costumamos atribuir, explicar-se-iam facilmente somando-lhe este saber do corpo. Cenestesias e outras estranhas sinalizações corporais, vulgarmente ditas parapsicológicas, poderão explicar-se no mesmo contexto. O efeito variável do medicamento em cada doente, as "idiosincrasias", as "alergias", os efeitos paradoxais, relevam mais deste saber do que das funções fisiológicas, endócrinas, linfocitárias, imunitárias, biomoleculares ou outras, que entram no processo mas não o constituem: que são apenas intermediários, despertos nesse mesmo processo.

O corpo saberá portanto. Saberá sobretudo como lhe convém actuar, mas não traz livro de instruções: nem em português, nem inglês, nem árabe ... não usa língua de gente conhecida. E exerce esse saber sem esforço, em princípio. Só na doença de recomposição haverá turbulência. E terá, lá no fundo, uma expressão bonita para se manifestar: uma alegre sinfonia,

uma careta de satisfação, uma vibração de gozo, uma vitalidade exercida, um prazer que desconhecemos. Até agora conhecemos apenas algumas traduções mal feitas, sem graça, sem emoção. Traduções baratas, grosseiramente mal cumpridas, debitadas por instrumentos artificiais, atapetadas em racionalizações, impregnadas de laboratório. Mas ele terá essa linguagem essencial, adquirida antes de haver capacidade de simbolização, criada antes de termos inventado a cultura. Será a linguagem dos "marcadores psicossomáticos" que antevemos, posta à prova e melhorada na experiência de vida, na história da vida, no processo de viver.

A civilização actual encontra-se necessitada dum Champollion para decifrar estes hieróglifos do corpo. Encontra-se necessitada dum autor, que se calhar já nasceu: querendo nós com isto salientar a sua carência epistemológica e a urgência da sua proximidade, para que o conhecimento melhore e a Psicossomática possa sair do encalhe onde tropeça. Temos quanto à Psicossomática de hoje este sentimento incómodo de rodar em torno de algo definitivamente redondo, sem ponta por onde se lhe pegue. De algo esterilizado e circular, que só um golpe de asa criativo e decifrador lhe alterará o desconhecido.

Temos também perfeita consciência de que estamos apenas a conjecturar: a falar do que não sabemos, no sentido comum da palavra saber. De que estamos a falar do apenas vislumbrado, numa dedução com alguma lógica, a qual, se por um lado nos

apoia e sustenta na reflexão, por outro lado nos limita, dado que indistintamente nos situa ainda no mesmo sistema. Situa-nos ainda dentro do binário lógico-científico actual, embora nesta altura ele pareça estar próximo do fim como paradigma inquestionável. A ciência, em nossa opinião, encontra-se em trânsito, num estado tensional próximo duma mutação, não sabendo nós obviamente os caminhos para onde seguirá.

Buscando referências psicanalíticas, surge-nos vontade de reputar que a distância que vai deste vislumbrado suposto ao científico conceptualizado, é a mesma que vai do Ideal do Eu que fantasia ao Eu Ideal que bloqueia. Fantasiemos pois, focando esse outro tipo de saber que até agora desconhecemos.

E surge-nos vontade também de lembrar que, se por acaso tivermos a tentação de sobre isto invocar o inconsciente, explicando-nos nele e por ele, não estaremos a fazer mais do que um deslocamento ilusório de conteúdos. Será mais uma tentativa falhada, mais uma mensagem intelectual para esconder a nossa própria dificuldade em ultrapassar o paradigma. Será uma forma muito nossa, sempre atractiva como sabemos, de deslocarmos para terrenos conhecidos as angústias do desconhecido.

Mas neste caso isso será bastante ineficaz. Será um trivial mecanismo de defesa, porque o "inconsciente" do corpo, ou alguma concepção que à volta disso ronde, não poderá ser um espaço de representações recalçadas. Este "saber" existe e funciona muito

antes de haver representação ou recalçamento. Será uma linguagem interna, antes de haver qualquer hipótese de pensamento, antes de haver qualquer possibilidade de mentalização. Existirá antes de haver repressão, tal como a supomos até agora. Embora tenha obrigatoriamente de ser designado e visto doutra forma, não estará longe, no entanto, do que Freud intuía como "recalçamento originário", conceito de percepção difícil ou impossível se nos propusermos dessa forma teorizar. Será "originário" mas não será "recalçamento": será este saber do corpo. E quando chamamos "psicossomáticos" aos marcadores relativos a essa linguagem interna, isso poderá parecer contraditório: ser "psico..." antes da possibilidade de o ser será uma contradição ... pedimos desculpa mas, usamos ainda o termo psicossomático porque ele é universalmente conhecido e porque não dispomos doutro melhor, embora reconizemos que ele mais tarde ou mais cedo se revogue.

Deste saber também nos informam os actuais conhecimentos sobre a vida intra-uterina dos bebés. Os bebés terão "competências de pensamento anteriores à intencionalidade de pensar", segundo descrevem os investigadores dessa área. No bebé intra-uterino, limpo ainda das relações organizadoras duma vida mental, a sabedoria do corpo existirá antes do "saber" de sentido psicológico que estamos habituados a referir. O corpo do bebé "saberá" antes de haver possibilidade de saber, antes do nosso trivial conceito de saber. Será

uma tentação atribuir esse saber à "natureza" e ficar por aí. Mas isso seria regressar aos tempos bíblicos.

*

Este "saber" do corpo entra claramente noutra terreno. Entrará noutra núcleo de base e noutra processo específico, diferente certamente de todos os desenvolvidos até agora. Núcleo que, em nossa opinião, não poderá ser um núcleo investigacional e conceptual que some os actualmente conhecidos, procurando miscigená-los. Todos os ângulos de investigação actuais: médicos, psicológicos, psicanalíticos, neurobiológicos, neurocientíficos, etc. têm centralidades de concepção e de leitura muito caracterizados, co-existem apenas num ensaio de conjugação que nunca poderá ir além de determinado ponto.

Tentar conjugar, ler em seminário, partilhar em confraria, será atitude louvável e positiva, mas será apenas ramagem. A conjugação dos núcleos será uma impossibilidade, o que não acontecerá apenas por razões narcísicas, embora elas também contem. Só um núcleo novo e diferente será operacional. Será necessário inventá-lo.

*

A descoberta recente de competências do ADN pertencentes a todos os seres vivos, indicando a existência de genes comuns a todas as plantas e animais, desde o monocelular ao mais complicado, desde o protozoário até ao ser humano terrivelmente inteligente, também acrescenta algo nesta matéria. Acrescenta argumentos a fa-

vor deste saber do corpo, melhorado progressivamente na evolução. Diz-nos que todas as espécies vivas, animais ou vegetais, partiram dos mesmos elementos e que parcialmente os conservaram, obtendo alguns outros (poucos) no caminho, os quais justificam e lhe sinalizam a diferenciação sem deitar fora os anteriores. Que circula entre todas um elo de continuidade, em princípios de base, em princípios "originários".

Se os animais ou plantas mais rasteiros não tivessem um "saber" para além dos propulsores vitais que lhes costumamos atribuir, se só procedessem fisicamente por não lhe ser reconhecida a mínima possibilidade de saber mental, como se arranjariam adaptativamente durante todo o seu tempo de vida? Eles manifestamente não dispõem de qualquer processo mental a sustentá-los, nem condições para o criar. Não saberão nada de facto, ou, pelo contrário, saberão doutro modo? Apesar de efectivamente não disporem do mínimo indispensável para haver cabimento do conceito trivial da palavra "saber", a verdade é que procedem, sabem proceder. Nelles terá de constar um saber, que também não traz livro de instruções, ou somos repetir, nem pode ser apenas genético.

Por outro lado, a chamada "saboria" dos velhos, não será basicamente este saber do corpo, adquirido aos soluços desde há milhões de anos? Não será este saber, adquirido e progressivamente melhorado na evolução, que lhes movimentam a capacidade de melhoria?

A evolução aconteceu, a partir do embrião inicial. Gizou-se num módulo cada vez mais sábio (não encontramos melhor designação para este facto), cada vez mais agenciado na complexidade sucessiva das espécies. Tão sábio que raramente se transtorna, mesmo antes de haver qualquer inteligência a sustentá-lo. E se um transtorno verdadeiro acontecer, já nem de facto cresce, porque a regulação geral acabou. Não será isso a sabedoria, depois mais ou menos pessoalizada?

Tudo nos indica uma regulação instituída em movimento eterno nos seres vivos, para além da regulação dos genes. Um saber para além do conhecimento da lista telefónica dos genes, como há dias dizia Sydney Brenner, no Porto. Este cientista, considerado o "pai do genoma", lembrava-nos que conhecer o genoma é muitíssimo importante, mas será idêntico a conhecer a lista telefónica duma cidade. Não será mais do que isso, pelo menos por agora. Será um avanço importantíssimo, melhorado quando se editarem as páginas amarelas, mas nada nos dirá, nunca, sobre a vida dessa cidade. Nela haverá outro saber, centrado numa regulação funcionante da evolução, tão existente nas pessoas como na vida dessa cidade. Saber melhorado na diferenciação, pouco a pouco elevado, instalado no corpo em crescimento. O corpo cresce porque sabe crescer, porque tem esse caminho determinado, tem esse saber que o acciona e mobiliza geneticamente, mas aprendeu e aprende muito no caminho.

*

Nos humanos, mesmo o lidar masculino ou feminino com a doença é diferente, pelo saber adaptado que cada sexo em si mesmo desenrola. Pela sexualidade se implicar neste saber do corpo. Como habitualmente se diz, as mulheres "amansam" a doença e os homens "combatem" a doença, numa diferença aparentemente apenas cultural. Mas, diremos nós, isso dependerá também da forma como a vivência do sofrimento básico, ligado à sexualidade, psicossomaticamente se inscreveu no saber do seu corpo. O corpo será sempre um corpo sexuado: a sexualidade instintiva desempenhará um tonus primitivo em todo esse próprio saber.

Noutro exemplo ainda, a "aceitação" variável que o corpo faz da imensa quantidade de bactérias circundantes disso também dependerá. A "fragilidade" suposta, maior ou menor, ligada ao sistema imunitário, far-se-á sentir certamente, mas o êxito do exército bacteriano invasor não dependerá apenas disso. Quantas gripes não passarão de sábias estratégias de aceitação da bactéria, por parte do corpo, para resolver entretanto outros problemas (*stress*, depressão, culpabilidade, etc.), saindo o doente da gripe muito melhor do que estava antes. Mas nós não sabemos como esse saber fisiologicamente circulou, embora saibamos muitíssimo bem a fisiologia do estômago, do coração, do sistema nervoso, das bactérias, em todos os sentidos que a palavra possa tomar.

O corpo terá essa sabedoria intacta, primitiva, evolutiva, até que algum

transtorno o impeça. Sabedoria que, por exemplo, no cancro se perdeu. O cancro será um transtorno do saber quanto ao crescimento: perturbaram-se as fronteiras, os limites falharam. Perturbou-se a relação do saber do corpo com o próprio corpo, perturbou-se-lhe a sabedoria que antes, além de estar sempre presente, era funcionante silenciosa. Que o encaminhava sem descuido para um caminho certo, a que ele obedecia cegamente, portando-se como deve ser.

Porque se terá corrompido tão beatífico rendimento?

A CIÊNCIA DO CORPO NÃO É O SABER DO CORPO

Procurando responder a essa questão, surge-nos a necessidade de repetir que a ciência do corpo não é o saber do corpo que temos vindo a presumir.

"Ciência" é um conjunto de conhecimentos obtidos segundo um modelo preconcebido. Baseia-se num método próprio, orienta-se para um objecto determinado. É um conjunto de teoremas de Pitágoras organizados num desenho sobre a prática, necessariamente rascunhados segundo uma representação mental previamente conceptualizada num sistema. Representação demonstrada "algebricamente", quer o seu sistema se exprima de forma matemática, como é o mais vulgar, quer de forma gráfica ou verbal. "Paradigma" será a gramática fornecida a esse conceito inicial de ciência, o qual será necessariamente geometrizado para que ela possa fun-

cionar como modelo de investigação. Para que ela possa ser transmitida universalmente, sem alterações de fonética ou sintaxe. O paradigma terá de existir, para que através dele a ciência continue a ser o que pretende ser: uma lei.

O paradigma formatará na passada um conjunto de postulados, onde se envolverão todas as outras componentes enredadas na teia. Onde eventualmente, mas só nos períodos mais atrevidos (nas revoluções), se enxertarão novos movimentos de descoberta. Na sua estrutura, todo o sistema paradigmático viverá suportado em três parâmetros fundamentais, tão deliberativos que os poderíamos designar de estatutários: continuidade, coerência, acumulação de conhecimentos. No Porto continuar-se-á coerentemente o acumulado no Alaska e vice-versa.

Por isso, a ciência duma época é fundamentalmente o que "deve ser" a ciência dessa época. Ou seja: a realidade científica da época será a verdade científica da época, e o seu paradigma será a sua verdade eterna. Será o seu profeta, até que um dia possa deixar de o ser. A "ciência normal" terá portanto sempre esta presunção: investigar segundo as linhas que ela própria instituiu, procurar através do aprofundamento que ela própria inventou, saber sempre mais do que o vizinho sem sair da matéria. Tudo na condição de se manter no bom caminho. Em caso nenhum admitirá modernices no encontro, sob pena de excomunhão.

Nessa linha, na nossa ciência mé-

dica, o nosso desejo científico mais correcto, o mais lógico, o mais seguido, o mais reputado, será o aumento do alcance do microscópico ou o aumento da capacidade matadora do antibiótico. Mas uma pergunta se poderá colocar: e quando não conseguirmos ampliar mais o microscópio? e quando não houver mais microscópio para supor? e quando não houver mais bactérias para liquidar?

O que equivale a perguntar: não seria interessante desde já tentar voltar ao ponto zero, sem deitar fora o adquirido, gerando o tal núcleo novo e inicial de que atrás falávamos?

Era isso que nos encantaria desencantar.

*

Mas é desde logo muito difícil ou mesmo impossível fazer uma limpeza do campo operatório do investigador, porque isso obrigaria a uma limpeza de si próprio. Seria uma limpeza de quase tudo. Obrigaria a uma revolução interna, além da revolução externa, que só uma ou outra personalidade "esquisita" conseguirá. Tudo porque o paradigma agasalha o investigador, protege-o, aquece-o, defende-o das perigosas erupções malignas do outro lado. E nós somos todos cientistas obedientes e bem formados, ou pretendemos ser: com variabilidades apenas na sofisticação e no grau. Pelo menos julgamos que somos: assim pelo menos procedemos. Trata-se ainda por cima, embora aí continue um sinal da nossa própria limitação, dum modelo de identificação olímpicamente patrocinado.

Mas esta condição também nunca nos permitirá, nem ao realmente cientista nem a ninguém de nós, uma verdadeira apreensão da realidade. Porque entre nós e ela constantemente se interporá a representação mental que dela previamente estabelecemos, sem dar por isso. O mundo será sempre a construção mental que dele fizemos, não o mundo real sem esse filtro interposto. A ciência constituirá portanto em nós, não mais do que um instrumento interno e um modelo de comunicação fixado, cujo circuito se poderia resumir desta forma: tudo aquilo que alguém fez podia ter sido feito por outra pessoa qualquer, em qualquer outra parte do mundo, porque todos usamos o mesmo filtro. Congratulámo-nos com isso, mas não saímos disso. Limitados sempre seremos.

Mas como poderemos estudar o corpo humano, o seu saber, se assim quisermos falar, se o corpo de cada um é absolutamente pessoal e intransmissível? Se não tem nada a ver com o da cama do lado quer com ele se relacione bem ou mal? Se tem uma existência configurada numa identidade pessoal, que absolutamente o distingue dos outros, que lhe confere o mais básico sentimento de vida, que lhe atribui um vínculo tão significativo que a sua perda será mortal? Onde até a curiosa actuação do banalíssimo vírus da gripe varia de corpo para corpo, como dissemos, e disso depende?

Queremos com isto acentuar que, para o cientista e para o ser comum em geral, em cada época, a ciência será um inultrapassável "negócio de alma", como há tempos sorridente-

mente nos seduzia uma verdadeira profissional da investigação. E que apenas investiga partes. E que sobretudo investiga partes do método e do alvo, jamais a capacidade intrínseca do que somos.

Por isso dizemos que a ciência do corpo é muito diferente do saber do corpo. E que, para nos desembaraçarmos desta complexidade e desta necessidade, nesta altura do campeonato, estamos a precisar dum desses seres esquisitos, também chamados génios mais tarde. Um desses que fizeram revoluções, introduzindo linhas oblíquas nos paralelismos politicamente correctos da ciência, para podermos prosseguir naquilo que combinamos chamar Psicossomática Estrutural.

Em nossa opinião será uma questão de rota, para que a infundável peregrinação de busca possa eficazmente desembaraçar-se no horizonte. Há um enorme caminho a percorrer, na insatisfação actual da resposta.

O CORPO: O QUE SERÁ?

Mesmo o conceito de corpo, nesta visão da ciência médica, também só por si varia conforme ao ângulo do observador. Mesmo sem que o paradigma básico se desmereça. O que acrescenta novas contrariedades.

Em Medicina, primeiro que tudo, corpo é Ciência, em todo o seu esplendor. Será Anatomia, Fisiologia, Genética, Objectividade ... O chamado saber médico reside na racionalidade e no resultado do estudo laboratorial

dessas parcelas. Esses conspícuos conhecimentos generalizaram-se. Estão bastante presentes e definidos dessa maneira, em todos os profissionais, mas também em todos os doentes, porque a ciência médica hoje faz parte da cultura e impregnou-a completamente. Médicos e doentes todos somos quanto baste, mais ou menos auto-contemplativos, mais ou menos sofisticados. Não se lhe poderá higienicamente fugir. Os médicos sabem muito, estudaram muito, têm quilómetros de manuais nas prateleiras, mas nem uma linha propiciaram sobre este saber do corpo.

Em Psiquiatria, há várias versões sobre o corpo. Numa versão denominada Psiquiatria Biológica, que, no seu núcleo duro, centrado numa perspectiva química de alcance veterinário, não passa duma limitação da possibilidade do ser humano ser considerado ser humano, tudo se identifica por norma à Medicina tecnológica anteriormente referida. Outras versões que já consideram a Psicologia ou a Psicologia Dinâmica, conceptualizam que o corpo será a "consciência do corpo". Nelas entra já a consciência de si, considerando-se a identidade corporal encaminhada no sentido da sua vivência interna. Falam da imagem do corpo, do "Eu corporal", perspectiva em que só reparamos nos momentos especiais: na doença por exemplo. Nesse conceito, a representação do corpo será uma estrutura basilar, que funciona constantemente e alicerça. O corpo será também um lugar de linguagem, para o exterior, para os outros: através de palavra, mímica, gesto, olhar. O

"corpo psicológico" revelar-se-á nessa comunicação interpessoal, no que ela tem de mais íntimo.

Mas, como se terá construído essa consciência do corpo comunicante, durante a relação infantil de que certamente depende? Fez-se só por si, na relação, ou haveria algum saber prévio nessa relação modelado? Não é costume levantar sequer esta questão

Em Neurologia, focam-se sobretudo os esquemas corporais, neurologicamente distribuídos, com as actividades simbólicas contidas. Numa amputação, por exemplo, o doente guarda intacto o "esquema" que fazia do seu corpo, antes da amputação. "Desconhece a amputação": - o membro amputado dói, como membro fantasma, não estando lá. Mas, nessas situações, como em anosognosias ou assomatognosias, para além das racionalidades biológicas ou psicológicas com que habitualmente procuramos credibilizar a sua compreensão, não haverá outro saber em exercício? O corpo não saberá tanto de si que até sabe recompor a parte retirada, alucinando-a através da dor?

E o corpo em Psicanálise? Qual a importância que nesta ciência lhe tem sido dado? Até que ponto e de que forma, as versões psicanalíticas sobre ele, as suas leituras consubstanciadas nas respectivas concepções psicossomáticas, o consideram? O "corpo distorcido" dos anoréxicos e dos bulímicos, por exemplo, como terá acontecido? Quem pensa nisso, como se analisa isso? Como se distorceu, quem distorceu aquele corpo, sabendo nós que os interessados não o vêm como

nós o vemos, que se consideram perfeitamente bem naquela magreza, que serão até gordas de mais em seu lúcido entender? A mente deles continuará completamente simultânea do corpo? Ou apenas reagirão aos impropérios do tratador?

Não será, exemplarmente a sabedoria do corpo que se alterou ou perdeu, apesar do portador, na linha do que vimos dizendo? Também não é costume falar disso.

*

Nesta diversidade significativa de leituras, todas passadas dentro da Medicina e da Psicologia, não podemos deixar de lembrar que no corpo haverá uma linguagem, que focada ou desfocada num sentido ou noutra, acabará por justificar estas variações. É de facto estranho pensar-se de formas tão afastadas, dentro da mesma Medicina. O que, como quem interpreta alegremente, nos apetece significar deste modo: falamos diferente porque falamos da ramaria, não falamos da raiz da linguagem. Porque não falamos ainda do saber do corpo. Apenas o descrevemos, superficialmente, parcelarmente, visto de fora e de cima, visto da janela de cada um.

As situações de despersonalização, desintegração, desagregação, hipochondria, que serão os referentes psicopatológicos privilegiados na área corporal, indicam-nos que o corpo participa necessariamente nesses movimentos, justamente através dessa capacidade de linguagem para dentro potencialmente montada. Cada especialidade médica, como

cada pessoa, promove diversidade de leituras, porque o próprio "lê" o seu corpo conforme o uso e a ciência que dele colheu.

As circunstâncias patológicas sinalizam alterações do corpo ressentido na sua sabedoria, tocam-no nos seus limites, na sua moldura. Atingem-no no seu continente, na sua diferenciação sujeito/objecto. Serão, exemplarmente, em nossa opinião, alterações da "sabedoria" do corpo, do saber do corpo que se estragou (adoeceu) na relação com o seu desenho. Cada especialidade médica também pode "estragar" cientificamente o corpo, lendo-o apenas no seu ângulo, o que será deformador. O corpo será uma experiência vivida de várias formas, será a "consciência de si" como sujeito autónomo, diferente dos outros, se tudo funcionar adequadamente, o que não acontecerá se a sua sabedoria se perder. Na Medicina, na ciência médica, tudo isso pode acontecer.

No seu desenvolvimento, o sujeito estabelece uma relação com os outros através do corpo, mas estabelece também uma relação consigo mesmo, para dentro do seu próprio corpo. Conforme as angústias nisso envolvidas, conforme as projecções e os desenhos, assim se organizam as coesões internas e as patologias. Falar disso já introduz um pouco dessa sabedoria que pretendemos salientar. Introduce uma dimensão globalizante, permanente, que existirá sempre.

Mais do que uma percepção, o corpo será uma representação estrutural do seu intrínseco saber.

E O SABER: O QUE SERÁ?

Fazendo igualmente uma pequena digressão pelo conceito de "saber", verificamos que nem em todas as épocas se investigam as mesmas coisas, mas em todas as épocas se investiga a mesma essência das coisas. Em todas as áreas, em todas as épocas, se procura saber: é sempre isso que se pretende. Saber esse que é sempre coisa mental, como dizíamos acima. A medicina investiga nesse mesmo desígnio, desde sempre: investiga o corpo doente, tentando normalizar os seus parâmetros desavindos, utilizando para isso o saber que paulatinamente foi adquirindo. Saber é a sua causa última, a sua essência das coisas, a sua eficiência prática no tratamento. O seu ideal de investigação, o mais elevado, buscará saber uma teoria unitária para o corpo dicotomizado, como as ciências no seu conjunto procuram uma teoria unitária para o Universo.

Esta atitude de busca é uma espécie de moral científica do saber. É ao mesmo tempo uma utopia inatingível, que funciona como agente dum processo interminável de curiosidade. Das explicações fragmentárias se tende a unificar, numa busca de saber que possa ir até à criação, até a divinização onnipotente, até ao seu limite fantasiado, até ao sonho concretizado. No fundo trata-se dum busca de colheita narcísica, perante as angústias do desconhecido, transportada para o conceito de saber: promove-se um regresso ao passado onnipotente infantil, crismando-o de saber, de investigação, de

futuro. Será por isso também facilmente um culto, baseado no tempo da inocência, porque de facto nada se controla nem nada se cria: o investigador, no seu saber multiplicado, vê o mesmo que os outros viram ou não viram, mas nada modificou do que estava a investigar. Mesmo que porventura o resultado benéfico da investigação vá modificar o mundo, como a descoberta da penicilina fez, isso será outro plano de leitura. Ele de facto nada criou resultante da ciência em si, nem do paradigma: apenas pensou ou viu um pouco mais longe do que os outros até ali se tinham pensado ou visto.

Para além da diversidade de leitura dentro da mesma ciência, como vimos, haverá ainda outras variáveis, dependentes da filosofia da ciência que desse saber no momento se ocupa, o que desconfortavelmente ajuda a complicar. Nada ajuda a perceber o que não sabemos, a perceber a ignorância do escondido, a perceber o valor do não descoberto. É por isso que, nesta complexidade, tendencialmente afinamos o microscópico, para obter algumas certezas, para ficarmos menos angustiados. E que, também nesse sentido, arranjam uns objectos externos a que chamamos objectos do saber, que muito jeito nos fazem para sobreviver na penumbra da cultura dos outros, que desse modo também se auto-justifica. Tudo isso é bonito, prático e tonificante.

Normalmente "saber" é um verbo, que significa ter presente no pensamento um conjunto de noções constituintes dum conhecimento organizado. Significa ser capaz nesse conhe-

cimento, ter a capacidade de praticar uma actividade mental ou um trabalho dele decorrente, obtido após uma aprendizagem, seguindo uma habilidade natural ou adquirida. "Saber" será portanto um verbo conjugado em função dum acervo que se poderá isolar e transformar em objecto, ou seja, transformar-se em substantivo, o qual poderá ser mencionado da mesma maneira e pela mesma palavra. Nesse sentido tem-se "saber" como se tem um automóvel, uma caneta, ou outro instrumento qualquer. Este saber-objecto é utilizado na educação, na escola, na investigação. Caracteriza exemplarmente o alvo da ciência que nos rodeia, define os seus objectos, que não serão de modo nenhum confundíveis com os objectos internos de cada um, porque esses, para além da diferente localização e significado, nunca frequentaram a escola.

Utiliza-se esse saber na transmissão pedagógica. Educar será, entre outros objectivos, ministrar conhecimentos, transmitir saber. Seguindo regras características, específicas desse próprio saber-objecto, determinadas pelas circunstâncias sociais que lhe impõem modelos e lhe desenvolvem os processos racionais de funcionar. Nesse texto sintetizador existem objectivos, que podem ser pessoais, profissionais ou socioculturais. Educar será divulgar um objecto isolável, separado do resto, exterior ao sujeito. Será impor um produto acabado, construído antes, realizado por outros. Todos fomos educados assim.

Este será o objectivo que todas as ciências médicas e afins também con-

templam: educar o corpo através dum educador, que pode ser médico, pai, professor ou o próprio. Educar o corpo, será ensiná-lo. Pressupõe obediência por parte do aluno, relativamente aos conteúdos objectivos que se lhes colocam. Na Medicina introduziram-se os conceitos liminares de todo o saber e conhecimento deste tipo: o paradigma e a obediência. Mas por aí ficamos, desconhecendo que o aluno possuía um saber montado e inultrapassável, que nada tinha a ver com esse. Desconhecendo que o corpo possa "saber" doutro modo.

Muitos falhanços da Medicina não serão ignorâncias nem limitações naturais: são desconhecimentos ou oposições a esse outro saber, pensamos nós.

*

Mas há saberes doutro tipo, sendo o saber psicanalítico um excelente exemplo dessa diferença. Trata-se também dum saber limitado, mas que, pelo seu próprio conceito, talvez nos forneça pistas eventualmente significativas para o projecto investigacional sobre a Psicossomática Estrutural que temos vindo a supor. Trata-se dum saber que, em princípio, não será um verbo conjugável nem um substantivo: é um sentimento, uma coisa interior, não descartável do próprio.

Em Psicanálise de facto, o objectivo é outro, o saber é diferente. O conhecimento toma outra feição: será pessoal, pretensamente não educacional, quando muito será reeducacional. É uma emergência do próprio, não uma obediência. Mas a sua maior diferença consiste na ausência

da possibilidade de isolamento, relativamente ao portador. O saber nunca será um objecto externizável, ou seja, não se isola do sujeito que sabe ou conhece. Conhecer é saber, conhecer é saber-se. Há uma completa fusão (em termos ideais) entre o sujeito e o objecto, entre o investigador e o investigado, entre o microscópico e a bactéria. Nesta concepção, o saber passa a objecto interno. Constituirá um objecto interno pessoalizado, não um objecto academicamente recolhido, vindo de fora. Neste aspecto, absolutamente essencial quanto ao que vimos a desenvolver, esta perspectiva pode abrir-nos caminhos de grande alcance: o saber do corpo gozará necessariamente dalgumas dessas características.

Poderá também dizer-se que em todas as ciências psicológicas se diminui a distância que medeia entre o exterior e o interior, embora isso se faça em graus variáveis, sendo a Psicanálise o estágio actual mais avançado dessa aproximação. Há, no entanto, culturas de geometrias no espaço psicológico, cujo alcance não vai além da fita métrica que utilizam. Para este tema, essas geometrias nada acrescentarão.

O saber em Psicanálise será portanto um estado interior, uma tendência para um silêncio interior, uma soldadura conseguida entre o ter e o ser. O seu movimento de procura, de investigação, de aquisição, pode ser mais ou menos ruidoso no processo, mas o produto acabado, quando verdadeiramente adquirido, engloba-se num todo íntimo silencioso. O saber dissol-

ve-se no conjunto, harmoniza-se na pessoa. Participa num arranjo de recuperação original e pacífico, sendo resultado duma elaboração sem retorno. O saber ou o conhecimento passa a fazer parte integrante da pessoa, sintonizado no movimento profundo da máquina onde se inclui. Muda então de facto de nome, na terminologia habitual: em vez de saber passa a chamar-se "ser". Daí a possibilidade de se poder afirmar: o grande saber ou o grande movimento de aquisição do saber corresponde no fundo, em última análise, ao movimento de identificação, à aquisição do "ser". De forma idêntica ao que acontece no processo maturativo da criança em desenvolvimento, na relação com os outros para si significativos: a criança absorve-os identificando-se a eles, num movimento de aquisição de saber, accionado instintivamente pela sexualidade e pela agressividade.

Saber, nesta acepção psicanalítica, será então identificar-se ao sabedor. E significará, idealmente, sintonizar-se consigo mesmo, com o seu corpo, com a sabedoria do corpo que já existia antes e se acresce nesse mesmo processo. Será sintonizar, harmonizar, funcionar em simultâneo, sem quebra nem retalho. Em silêncio, em saúde. Idealmente.

A criança faz isso, por incorporação, por introjecção dinâmica: identifica-se aos modelos com quem vive na relação. Este será o seu saber mais autêntico. Acontecerá também assim a incorporação do conhecimento no processo analítico, através da interpretação. A interpretação conseguida

é uma forma de saber que não deixa rasto. A distância entre os saberes – o saber-objecto ou o conhecimento – entre o objecto e o próprio, encurta-se nessa altura ao ponto de deixar de existir. A fusão entre os dois torna-se sabedoria inconsciente. Embora, obviamente, o saber-objecto e o saber da identificação possam co-existir na mesma relação, em simultâneo.

Do mesmo modo ainda, a investigação psicanalítica distingue-se da investigação científica pela não separação entre o investigador e o objecto investigado. O processo de descoberta, o objectivo da descoberta, a finalidade da descoberta, são completamente interpenetráveis e coerentes por essa mesma razão. A terapêutica harmonizadora na Psicanálise, epifenómeno da investigação, surge na consequência, não colhe como objectivo inicial. O objectivo inicial será um funcionamento mental suficientemente solto, para poder criar uma sabedoria interior silenciosa e uma correspondente satisfação dos dois intervenientes no processo. Diferentemente, na investigação científica, a descoberta é um objectivo em si, encaminha logo à partida um percurso determinado: todo o funcionamento é dirigido para esse fim.

*

Ambos estes tipos de saber e de investigação, "psicanalítico" ou "científico", com *settings* diferentes, têm no entanto um motor comum, que consiste no que de mais essencial existe nos seres humanos: a curiosidade, a investigacionalidade, o sentido crítico.

A aplicação prática dessa curiosidade varia apenas no modo de a satisfazer e, acentuemos mais uma vez, na distância que coloca entre si e o alvo. Nesse sentido, todos somos investigadores, mesmo sem dizer que o somos. Doutra maneira não seríamos seres humanos, sendo esta noção absolutamente fundamental para em analogia podermos identificar, até certo ponto, este saber do corpo ao saber que a Psicanálise em si mesma contempla.

Da Psicanálise, portanto, do seu tipo de saber, do seu processo de investigação, se poderão retirar alguns dados ilustrativos, eventualmente exemplares, para o que temos vindo a propor. Queremos com isto acentuar que existem formas substancialmente diferentes quanto ao "uso" do saber, quanto à sua concepção, quanto ao que dele se pretende. E que a Psicossomática Estrutural se aproximará muito mais do "ser conhecimento" do que doutro saber qualquer, com as devidas ressalvas.

O saber do corpo enquadrar-se-á melhor neste tipo, porque o seu verdadeiro saber é anterior ao saber do especialista, mesmo na pessoa do especialista. É anterior aos núcleos normalmente apresentados como núcleos científicos essenciais. A criança modela à sua maneira o saber da espécie que transporta. O seu "Self" é que sabe, diremos: e o seu *Self* é um *Self* corporal, cientificamente analfabeto.

Mas como separar ou articular, na prática, este "saber" de tipo psicanalítico, com o saber científico e com o saber dos "marcadores psicossomáti-

cos" ou o da Psicossomática que sonhamos, mantendo a lógica duma curiosidade essencial?

Do saber racional, lógico, pragmático, característico dos paradigmas científicos usuais, é fácil separá-lo: fazêmo-lo todos os dias, mesmo sem reparar. Vivemos num, adquirimos conhecimentos no outro. Difícil será funcioná-los em conjunto, globalizá-los na simultaneidade, perceber o que a cada um falta. Combiná-los, relativizá-los, acrescentá-los doutros ângulos, face às suas limitações, será a tarefa a construir. Será o saber e a arte. Conjugá-los cientificamente e continuar no mesmo registo será por outro lado uma pretensão estagnada, como já dissemos, se nos contentarmos com os actuais tipos de investigações.

A Psicanálise não poderá portanto servir de modelo para o saber do corpo e para o saber psicossomático, mas, em qualquer circunstância, parece-nos fornecer algumas instruções quanto ao alvo e quanto à possibilidade. A aquisição desse outro tipo de saber, a aquisição dum novo livro, exigirá um alongado processo de maturação.

A CURIOSIDADE

Todos os homens, desde o início, tiveram necessidade de saber o que se passava do outro lado, para melhor se situarem no seu. Nessa curiosidade atractiva constituíram o seu sentimento pessoal de identidade e diminuíram a natural angústia do desconhecido. Tentaram resolver os seus intermináveis sentimentos de misté-

rios. Simbolicamente, sempre procuraram saber o que se passava do outro lado do buraco da fechadura, mesmo antes de terem inventado a fechadura, porque isso era "terapêutico" para eles. Por esse filtro fizeram também a sua grande procura interior. Sempre utilizaram para isso os objectos intermediários possíveis na sua cultura, inventando variadíssimos instrumentos e posições. E vão continuar a fazê-lo, na curiosidade deste saber do corpo.

Mas a curiosidade jamais aparece satisfeita. Nunca saberemos o suficiente para aportar da viagem em plenitude. Nunca chegaremos ao fim. Nesta impossibilidade, continuaremos a espreitar pelo buraco dos microscópios, pelos telescópios, pelos inconscientes, por muitas outras complicadíssimas fechaduras técnicas ou psicológicas. Em busca do infinitamente grande ou do infinitamente pequeno. Como necessidade vital, em busca do saber de si, em busca da sabedoria. Mas o saber-objecto evoluirá sempre no trajecto, mudará de qualidade. Passará a ser o que sentimos no corpo, antes de lhe termos posto nome. A curiosidade continua.

Sabedoria será portanto o conjunto dos saberes que a curiosidade proporcionou, mas será também uma qualidade especial do seu portador. Será um estádio evolutivo superior. Sabedoria, na língua portuguesa muda de género relativamente ao saber, mas os criadores da língua se calhar nem repararam. Pensamos no entanto que algo de inconsciente a isso os obrigou, porque, em nosso entender, o facto tra-

duz geneticamente uma mudança de registo infantil. Foi uma evolução: passou de "o saber" procurado, para "a pessoa" que sabe. De facto foi na passagem da boa relação dual, mãe/filho, para a relação triangular filho/pai/mãe, na mudança que isso implicou, que pela introdução do elemento-pai, diferente da mãe mas a ela ligado, que a criança agudamente desenvolveu a necessidade de conhecer o que entre eles se passava. Passou a ter nisso um alimento privilegiado da curiosidade, fomentador do espírito de investigação e da procura do saber, gerando para si próprio (investigador) a qualidade de pessoa. O "saber" transformou-o numa "pessoa".

A partir daí, desde sempre e para sempre, a vida das pessoas busca o saber, em formas de investigação polémicas ou silenciosas. Procura o saber e a sabedoria. Até que a integração pessoal do resultado da busca e do processo da busca, nunca finalizados, proporcione ao seu portador o regresso à situação primária, satisfatória, anterior ao conflito. À situação onde a sexualidade, a agressividade e as outras forças instintivas, se situem em parâmetros desconflituados. Onde o "facto psicossomático" flui sem entraves. Ou seja ... até ao fim, sem nunca ter sido suficientemente alcançado.

A curiosidade será sobretudo uma curiosidade sexual, derramada em múltiplos fins, presente nas várias fases do trajecto de cada um, até ao seu único fim. Por isso também a sabedoria normalmente se atribui ao avô, não ao pai. Para todos nós, de facto, o

grande sábio, foi sempre um avô, que usa barbas como as de Freud, mesmo que tenha sido necessário inventá-las completamente.

*

A descoberta recente com que os Biólogos nos apresentaram, ensinando-nos que qualquer partícula de vida ou de criação de vida contém, em simultâneo absoluto, a criação da sua própria destruição, acrescenta novos motivos de reflexão. Além de confirmarem o que os psicanalistas, na sua área, tanto gostam de desenvolver: a existência dum instinto de vida e dum instinto de morte originários. Essas duas forças serão então inevitáveis, em todas as partículas, grandes ou pequenas ... o que nos indica quanto de aprendizagem, no jogo entre elas, terão todos os seres vivos de se auto-propiciar, no seu percurso até ao fim. Indicam-nos também a necessidade dum certa qualidade no jogo, para sobreviver. E sugerem-nos quanto "saber" se terá de acumular para tentar cumprir esse desiderato, para estudar, percorrer e prolongar os melhores caminhos. Para se disfrutar o melhor possível o delicado trajecto entre a vida e a morte. Todos os seres vivos farão isso automaticamente, os Biólogos em definitivo o confirmam, antes de frequentar as escolas públicas ou privadas. Todos os seres vivos, quer continuem pregados ao terreno, como os vegetais, quer se tenham aparentemente dele descolado, como os animais. Quer ainda se julguem espiritualizados e afastados dessas pequenezas, como os seres humanos.

Desta fabulosa descoberta ainda se não retiraram todas as consequências. Mas a partir dela será plausível também descortinar como o pobre corpo biológico, neste entremeio constante entre a vida instintiva e a morte instintiva, colocado em permanência entre essas duas vertentes irrevogáveis, "sabendo" disso por dentro, desenvolverá linguagens simbólicas e arranjos de compromisso. Como tentativa útil na actuação. E como deverá conter um estimável cofre interno relativamente a isso.

A doença será o aviso ou o conjunto dos avisos, mais ou menos ruidosos, sentidos pelo próprio, provindos desse corpo entre os instintos antagónicos emparedado. O sintoma existirá como benefício, para que o próprio ao dar-se conta dele promova mudança e reequilíbrio, para continuar vitorioso na segunda parte. Para continuar a viver. E ninguém o moverá a não ser esse saber do corpo, existente nele mesmo. Isto será fácil de verificar na agressão externa visível, na agressão alimentar sobre o estômago, por exemplo. Na ausência de agressão visível, por analogia, poderemos pensar que haverá certamente doenças (cancro, diabetes, etc.) movidas por agressões subliminares, internas ou externas. Que haverá doenças despertadas ou movidas pelas "lacunas de mentalização", actuantes sobre as "lacunas somáticas", que representarão as falhas biológicas na simultaneidade estrutural psicossomática, como nos artigos anteriores desenvolvemos. Tudo se passando numa condição interna menos sentida do

que na agressão sobre o estômago, mas identicamente envolvente.

A doença será sempre, nesta leitura, um resultado, uma consequência de arranjos por entre as malhas dum exercício confluyente e unívoco de vários saberes relativos aos mencionados instintos. O "saber do corpo" situa-se no centro do terreno, no local onde esse jogo mais renhidamente se desenrola: no aviso, na prevenção, no trajecto, no resultado, na cura, no falhanço da cura ... em tudo o que ao corpo diga respeito.

A TREPadeira TREP

A planta trepadeira trepa porque sabe trepar. Mas só trepa se encontrar onde o possa fazer: muro, árvore, encosta ... se encontrar qualquer obliquidade onde possa elevar-se, onde possa desenrolar a sabedoria do corpo com que nasceu. Só nessa circunstância se aplicará "inteligentemente" por ali acima. Torna-se então vertical. Doutra forma não se realiza e rasteja, embora os seus genes estejam lá todos da mesma maneira. Se não trepar, supomos que fica triste e morre, deitada no chão escurecido, sucumbida na horizontal.

Não se lhe pode atribuir uma "alma" nem divinizar a sua existência, como noutras espécies mais evoluídas com grande sucesso tem sido feito. Ela não dispõe de consciência nem de capacidade crítica para esse efeito, desconhece a subtilidade desses caminhos, embora curiosamente, diga-se de passagem, também eles hoje pareçam bastante desacredita-

dos. Se o pudesse saber rir-se-ia, antropomorficamente, compensando o seu narcisismo até agora desconsiderado. A sua adaptação às circunstâncias será, liminarmente e apenas, a da sua sabedoria.

O corpo dela não poderá ser estúpido: terá de aprender a relacionar-se com as circunstâncias e adaptar-se. Terá de possuir, como parcela favorita de si, a escolha do caminho naquele dia: por exemplo, voltar a sua janela para o Sol, naquele local onde mora. Terá esse saber, esse "saber" no seu corpo, que não poderá ser genético. Nenhum ser vivo poderá prever geneticamente o que lhe vai acontecer, nem criar geneticamente o desenho completo da sua disposição. Só a relação com o mundo, a relação com o ambiente, o seu envolvimento, o poderá proporcionar.

A trepadeira sabe e aprende, tal como sabe e aprende o corpo do ser humano numa forma muito mais sofisticada. As disposições genéticas com que o ser humano nasce, transformam-se em "falas" pessoais na relação infantil: o terreno e o Sol aqui chamam-se mãe. Transformam-se no seu saber em geral e no saber daquele corpo em particular, saberes constantemente activos na adaptação, na regulação, na auto-regulação, no binómio prazer/sofrimento. Constituirão o às vezes apelidado "inconsciente do corpo".

De facto, o corpo humano também sabe trepar, mas só o aprende e o fará na relação infantil que o eleva. Disso não temos quaisquer dúvidas. Será a relação que lhe constrói um desenho e um aparelho mental, exclusivo da

espécie, tanto quanto julgamos saber. Aparelho construído por si e para si, conforme ao seu corpo, porque nele reside a sua própria existência e a sua própria consciência. Se esse desenho relacionalmente construído se tornar, com naturalidade, sobreponível ao do corpo, haverá simultaneidade sem ruído e nele ninguém repara. Haverá um correcto saber do corpo, funcionando em saúde: o saber do corpo individualizado ajusta-se então ao constructo mental desenvolvido. Harmonizados o corpo e a sua representação, o ser humano trepará então como a trepadeira: a diferença residirá no facto da sua relação se ter extremamente complicado, de se ter construído um aparelho mental, demasiadas vezes com defeito. Embora permaneça no encaço da feliz trepadeira, provavelmente não conseguirá.

Uma vez organizado dessa forma, não haverá prevalências biológicas nem mentais nessa relação. Não haverá aquela suposta espécie de imperialismo conceptual das psicossomáticas analíticas sobre o triste corpo, concebido como ele de nada soubesse. Nem o suposto imperialismo biológico mineral, tartamudo e cego, a cuja empolgante divulgação habitualmente assistimos, feita sobretudo pelos viajados agentes da indústria farmacêutica.

NOVO-RIQUISMO CIENTÍFICO

A espécie humana mais corrente, no que diz respeito à sua concepção do Universo, funciona impregnada dum novo-riquismo suburbano. De-

pois de sair das cavernas, o homem já nem olha para o lado: desavergonhadamente esquece o resto, chamando a isso racionalidade e civilização. Como quem tem necessidade de esconder as origens. De peito erguido, exhibe superior pensamento e arroga espiritualidades, face às espécies rurais que o circundam. Tem efectivamente procurado convencer-se de que é originariamente diferente. Tão diferente que até se atribui aristocráticas procedências, celestialmente concedidas, negando a mediocridade terrena donde brotou. Faz um recalcaimento da sua continuidade evolutiva com os outros seres vivos, omitindo que a diferença será apenas uma questão de grau. Desconhece o parentesco com os primos menores, com esses metecos não iluminados pelos deuses, os quais, em seu douto entender, nada pensam nem nada saberão. Mas a Biologia, a Genética, a Inteligência, desmontam essa grandiosidade e o espalhafato que daí resulta. Trata-se apenas de esquirolas de virtude!

As concepções psicossomáticas até agora existentes, inconscientemente, partem também desse posicionamento. Alimentam-se nessa reverente concepção de si. Consideram pouco o corpo. Menos ainda consideram este saber de continuidade do corpo com os outros corpos, nem, ao mesmo tempo, as péssimas características temperamentais que lhe estamos pacientemente a recordar. Às vezes nem o consideram de todo: rejeitam-no liminarmente, mesmo quando afirmam que o estão a incluir. Disfarçam, pensando-o espírito. O longínquo corpo pa-

rece-lhes depois uma fruta animicida, uma maçada inviolável, um produto marginal, porque teimosamente não se deixa envolver na teoria. Mas, curiosamente, na prática utilizam-no sempre, mesmo quando o não mencionam. Utilizam-no porque não o podem deitar fora, apesar de tudo. Tal como acontece em todos os outros seres vivos, se o fizerem ele reage. Se o deitarem fora ele adocece, utilizando o seu saber, sendo isso desprestigiante para quem o faz.

Uma correcção de rota terá de acontecer, embora a rota da seda e da ilusão continuem no Oriente. Parece-nos haver muito caminho a desembrulhar no futuro desta encruzilhada. Mesmo tendo consciência, pela parte que nos toca, de que estamos levemente a propor uma revolução.

Mas, a propósito, lembram-se das revoluções medievais sobre os conhecimentos humanos? Lembram-se dos problemas da dissecação anatómica, da circulação sanguínea, da localização da alma, dos simpáticos assassinos religiosos que se lhes seguiam? Será pelo destemor relativamente a isso, pela tomada da Bastilha de novos projectos, que esta questão prosseguirá!

Tudo o suposto nesta reflexão surge em toda a gente, inabalavelmente, proclamado em quem se der a pensar.

*

Nas manifestações humanas mais intensas ... na dor da morte de alguém por exemplo, sempre nos interrogamos se a dor será física ou mental. Ninguém verdadeiramente sabe:

parece mental, mas o corpo sofre inteiramente. No prazer mais intenso ... no orgasmo verdadeiro, igualmente nos interrogamos se o prazer será físico ou mental. Ninguém verdadeiramente sabe: parece físico, mas a "alma" festeja inteiramente.

Num e noutro caso será sempre um todo, um vice-versa, uma identidade. E não saberemos exactamente responder porque tudo o que nos acontece se passa nesse mesmo registo: no registo da impossível separação entre corpo e espírito. O ser humano está psicossomaticamente organizado à partida, absolutamente condicionado por isso, em todos os terrenos do viver e do sentir.

"Identidade" será um sentimento intricado nessa organização, nessa rede de todas as componentes que a cultura costuma separar. Será uma identidade corporal, que se desenrola num corpo sexuado, onde cada facto é um "Facto Psicossomático", sustentado numa "Psicossomática Estrutural".

PARA TERMINAR

Para terminar, acentuamos uma vez mais esta formulação: a identidade é uma identidade corporal ...

Na linha da famosa e misteriosa expressão de Freud que dizia:

"... o Ego é um Ego corporal ..."

versão proficuamente melhorada mais tarde, na Psicologia do *Self*, com esta outra atitude:

"... o Self é um Self corporal..."

atrevemo-nos a propor novo elo complementar, sugerindo:

"... a Identidade é uma Identidade corporal ..."

que se situa na lógica do que vimos dizendo.

E lembravamos novamente as angústias violentas da fragilização dessa identidade ou do temor da sua perda, potencialmente visíveis em toda a gente, mas muito mais observáveis no esquizofrênico: será todo o edifício narcísico daquela pessoa, serão as suas bases, os seus alicerces, que são postos em causa no corpo, através do seu sentimento do corpo, nessa situação. A desagregação psicótica perturba violentamente, porque será a morte da pessoa do doente, a morte dessa sua identidade. Será a morte da sua coesão básica instintiva, da sua identidade corporal. O ser humano deixará nessa altura de o ser. Deixará de ser trepadeira, deixará de saber trepar.

Acontecerá nessa altura a morte da "sabedoria", do "saber" intrínseco daquele corpo, o afastamento do saber que o forma, que o informa, que o sustém!

*

A identidade é uma identidade corporal ... vamos concordar.

Francamente, pensamos assim. Pensamos também que isso só poderá resultar em caminho de pesquisa e continuidade, de forma plausível ... na intoxicação biológica infinitesimal que paira sobre esta área do conhecimento ... se deitarmos fora inúmeros preconceitos. Se conhecermos melhor este processo do corpo, no caminho da Psicossomática Estrutural. Só assim, também, nos contentaremos no futuro.

Mas resta-nos o sentimento embaraçoso, neste degrau da reflexão, de não ter passado do limiar das coisas. Estamos apenas numa introdução ... mas achamos que valerá a pena prosseguir, pensar, cultivar ... pesquisando caminhos, introduzindo mudanças, lançando interrogações ... em nossa opinião.

Será um desafio, mesmo trabalhando sem rede, mesmo trabalhando sem o suporte duma tranquilizadora bibliografia sobre o assunto, que muito gostaríamos de possuir mas desconhecemos!

Abstract

Following his ideas on the "Psychosomatic Fact" and "Structural Psychosomatic", the author postulates the existence of a "Body Knowledge" philogenetically, ontogenetically and individually determined. This not yet well-known knowledge, needing a deeper study, is supposed to function both as a regulator and as a product of regulation of the binomial pleasure/suffering. It is supposed to be present in all living beings of any dimension, to have developed with the evolution of species and having main expression in mankind. It's not a mental nor a rational knowledge. It's a inner knowledge, a identity builder, vitally sexualised, essential in health and in sickness, leading to the final idea that:

"...the identity is a bodily identity..."

Key-words: *Psychosomatic Fact; Structural Psychosomatics; Body Knowledge; Body Identity.*